

*Zuzanna Bułat Silva*

Universidade de Wrocław  
zuzanna.bulat-silva@uwr.edu.pl

*Justyna Wiśniewska*

Universidade Maria Curie Skłodowska  
justyna.wisniewska@mail.umcs.pl

 <http://orcid.org/0000-0002-6590-1702>

 <http://orcid.org/0000-0002-1938-1702>

## FORMAS DE TRATAMENTO NOS MANUAIS DE PORTUGUÊS LÍNGUA ESTRANGEIRA: UMA ABORDAGEM NA PERSPETIVA DA METALINGUAGEM SEMÂNTICA NATURAL

### Forms of Address in Portuguese as a Foreign Language Textbooks: Natural Semantic Metalanguage Approach

#### ABSTRACT

In this paper, starting from the methodological viewpoint of *natural semantic metalanguage* (NSM, see Wierzbicka 1996, 2013), we aim to describe how forms of address are used in Portuguese as a foreign language textbooks (European variety), investigate whether they comply with the real use of forms of address and with cultural norms of today's Portuguese society, and propose NSM explications of their pragmatic and lexical meaning that would facilitate their acquisition. Our corpus of data contains examples taken from the PFL textbooks used for teaching students in Poland.

KEYWORDS: forms of address, natural semantic metalanguage (NSM), intercultural pragmatics, teaching approach, Portuguese as a foreign language.

#### 1. INTRODUÇÃO

Partindo do princípio de que as formas de tratamento podem ser realizadas de maneira diversa em diferentes culturas e em diferentes línguas, o ensino e a aprendizagem das mesmas podem levantar dificuldades. Como sublinha Duarte (2010: 135), “[a]s formas de tratamento, como as formas de delicadeza em geral, são peças fundamentais na regulação da relação interpessoal”. Nas formas de tratamento reflete-se a maneira como, numa cultura dada, as pessoas pensam umas nas outras e quais os valores mais

importantes quando se dirigem a outros (p.ex. respeito ou igualdade). Assim, baseando-nos na abordagem teórica de NSM (do inglês *natural semantic metalanguage*, veja-se Wierzbicka 1996, 2013, 2017), pretendemos com o presente estudo descrever como se apresentam as formas de tratamento no ensino de português e explicar o seu valor semântico-pragmático para facilitar a sua aprendizagem. O objetivo particular é verificar se as normas e valores culturais subjacentes ao uso de formas de tratamento no português europeu se refletem nos exemplos tirados dos manuais de português usados na Polónia.

Relativamente à estrutura do trabalho, o presente estudo está organizado em seis secções. A primeira é dedicada aos objetivos que nortearam a nossa pesquisa. Na segunda secção apresentamos, de maneira breve e sucinta, informações sobre a metodologia adotada, isto é a NSM. A seguir (3), evidenciamos informações básicas sobre as formas de tratamento da língua portuguesa para nas secções seguintes, (4) e (5), efetuar a própria análise, servindo-nos da NSM para apresentar o conteúdo semântico-pragmático das formas em questão. Para terminar o estudo, fazemos uma recapitulação e avaliação dos resultados obtidos.

## 2. METODOLOGIA: METALINGUAGEM SEMÂNTICA NATURAL DE ANNA WIERZBICKA

Para explicar os vários matizes do significado das formas de tratamento portuguesas, facilitando assim a sua aprendizagem, aplicaremos um método de análise semântica conhecido como Metalinguagem Semântica Natural, ou NSM (do inglês *natural semantic metalanguage*). A NSM baseia-se no pressuposto de que existem certos conceitos simples e universais, chamados *primes* ou *primitivos*, presentes em todas as línguas do mundo. Estes 65 “átomos de sentido” não se referem ao mundo que nos rodeia, mas são noções abstratas (veja-se Tabela 1). Podem ser palavras, morfemas ou frases, com morfologia e sintaxe diferente. A cada termo é atribuído um só significado<sup>1</sup>. Os átomos, junto com as regras da minigramática, permitem-nos descrever o significado lexical de palavras, estruturas gramaticais e normas culturais diferentes sem aplicar a rede concetual da nossa língua materna a línguas e culturas estrangeiras (Goddard, Wierzbicka 2014).

Tabela 1. Os primitivos semânticos em português<sup>2</sup>

1. EU, TU, ALGUÉM, ALGUMA COISA, GENTE, CORPO, TIPOS, PARTES
2. ESTE~ISTO, O MESMO, OUTRO
3. UM, DOIS, MUITO(S), POUCO(S), ALGUNS, TODO(S)
4. BOM, MAU, GRANDE, PEQUENO
5. PENSAR, SABER, QUERER, NÃO QUERER, SENTIR, VER, OUVIR
6. DIZER, PALAVRAS, VERDADE

<sup>1</sup> No caso de palavras polissémicas, como, por exemplo, o verbo QUERER, especifica-se sempre o sentido em questão, através de um *contexto canónico*. P. ex. *ele quer fazê-lo* mostra o sentido primitivo, mas em *eu quero-te muito*, já se atualiza outro, não primitivo, sentido de QUERER (‘amar’).

<sup>2</sup> Baseando-nos em Goddard 2018 (tradução nossa).

7. FAZER, ACONTECER, MOVER-SE
8. ESTAR, HÁ, SER (ALGUÉM/ALGUMA COISA), (SER) MEU
9. VIVER, MORRER
10. QUANDO~TEMPO, AGORA, ANTES, DEPOIS, MUITO TEMPO, POUCO TEMPO, POR ALGUM TEMPO, MOMENTO
11. ONDE~LUGAR, AQUI, ACIMA, DEBAIXO, PERTO, LONGE, LADO, DENTRO, TOCAR
12. NÃO, TALVEZ, PODER, PORQUE~POR CAUSA DE, SE, MUITO, MAIS, COMO

A explicação em termos da NSM consiste em *parafrasear* o que a gente entende pela palavra em questão com as peças da metalinguagem. Como sublinha Wierzbicka (2009), a explicação deve exprimir um ponto de vista comum, do cotidiano. Não é a notação técnica do sentido, mas a transcrição da imagem da realidade própria de um falante nativo<sup>3</sup>.

Os primitivos semânticos que nos serão úteis na descrição das formas de tratamento são TU (alocutário)<sup>4</sup> e EU (locutor), e também PENSAR e SABER através dos quais pretendemos demonstrar que o uso das formas de tratamento depende não só do facto de conhecermos alguém, mas também do que *pensamos* sobre esta pessoa e *sabemos* sobre ela. Serão também indispensáveis os elementos GENTE e BOM: quando pensamos que “muita gente pode saber coisas boas sobre alguém”, dirigimo-nos a esta pessoa com maior consideração. Precisamos também do elemento DIZER, que reflete o uso das formas de tratamento na conversa, no diálogo com o outro.

### 3. ALGUMAS CONSIDERAÇÕES SOBRE FORMAS DE TRATAMENTO EM PORTUGUÊS

O sistema de tratamento português pode resultar complicado para um aprendente não-nativo desta língua. Além do sistema pronominal triplo – o falante pode escolher entre *tu* de intimidade, *você* de distância e *o senhor* de cortesia – no português europeu usa-se muito o tratamento verbal, tanto com o sujeito nulo (*Tem troco?*), quanto precedido pelo nome com artigo (*A Ana já lavou os dentes?*), a distinguir este último do uso vocativo do nome<sup>5</sup>. Segundo Cintra (2014: 15–16), o sistema de tratamento português apresenta uma “escala riquíssima de possibilidades”, o que se deve à “sociedade fortemente hierarquizada e a um certo gosto na própria hierarquização e na matização estilística”. Araújo Carreira (2003: 2–4) considera que devido especialmente à hierarquização socioprofissional, as escolhas de formas de tratamento em português são muitas, destacando o seu sistema de base triádico: *tu, você, o senhor/a senhora*. Descreveremos agora, de maneira sucinta, os diferentes modos de tratamento no português europeu.

Segundo Bacelar do Nascimento *et al.* (2018: 248–249): “dá-se o tratamento por *tu* quando entre os interlocutores existe uma relação de proximidade e intimidade, ge-

<sup>3</sup> Para mais informações sobre este método, ver a página web de NSM: <https://intranet.secure.griffith.edu.au/schools-departments/natural-semantic-metalanguage> (consultado: 20.05.2022).

<sup>4</sup> O importante é reconhecer o estatuto universal da forma *tu*, tanto em português como noutras línguas europeias: *du* alemão, *you* inglês ou *ty* polaco – embora a sua amplitude de uso seja diferente em cada língua (veja-se Wierzbicka 2017: 234).

<sup>5</sup> Vale a pena acrescentar que em português existe também a forma *vós*, já antiquada mas ainda usada para falar a Deus.

ralmente por serem familiares, amigos ou colegas. Os falantes mais jovens tendem, no entanto, a usar o tratamento por *tu* mesmo quando acabaram de se conhecer”.

A forma *você*, intermédia entre *tu* e *o senhor* (Vilela 1995: 166), é a que “gera reações contraditórias e tem interpretações distintas” (Lešková 2012: 29). *Você* no português europeu parece ser polissêmico, podendo ser tanto *tratamento igualitário* como tratamento *de superior para inferior* (e em alguns casos específicos, *íntimo*; Cunha, Cintra 2014: 372–373). Pinto Pratas (2017: 34) explica que “[h]á falantes nativos que sentem algum desconforto, mal-estar ao serem interpelados por ‘você’. Nesses casos, *você* é avaliado como uma FT rude, grosseira”. Guilherme, Lara Bermejo (2015: 171) observam que *você* é “pouco homogêneo quanto aos seus valores de cortesia”. Bacelar do Nascimento *et al.* (2018: 250, 246) por sua vez mencionam que o uso de *você*, como forma “pouco cortês e mesmo ofensiva”, “é geralmente evitado e substituído por formas nominais ou por sujeito nulo”. Ao mesmo tempo, há alguns anos, existe na sociedade portuguesa a tendência “de uma expansão do campo de emprego e generalização do pronome *você* com valor de tratamento igualitário, em detrimento do uso do tratamento nominal, e.g., *senhor, senhora*” (Ferreira Allen 2019: 116). Parece que tem razão Gouveia (2008: 94) quando afirma que não se pode “chegar facilmente a um consenso relativamente à definição e descrição de uso de *você* e das variáveis sociais a eles associados”.

O uso das formas *o senhor/ a senhora* é reservado ao tratamento formal. Segundo Cunha, Cintra (2014: 373) na variedade europeia do português são estruturas de cortesia e de respeito. Usam-se entre conhecidos não próximos e desconhecidos nas situações formais, o que as caracteriza é a falta de intimidade e a expressão do respeito de uma pessoa perante outra. Os mesmos autores observam também que estas formas costumam ser acompanhadas pelos títulos profissionais ou determinados cargos, quando nos dirigimos a alguém que sabemos que os possui. Também podem ser usadas junto como nome ou sobrenome, p.ex. *Sr. Oliveira*. Entretanto a variante feminina, *senhora*, só se emprega hoje com o nome próprio junto com *dona*, p.ex. *Sra. D. Maria*<sup>6</sup> (Gyulai 2011: 41). Vale a pena destacar o uso assimétrico das formas *dom* e *dona*: *dom* mais nome sempre expressa maior respeito do que *dona* mais nome que é uma forma de tratamento bastante comum.

O uso do nome ou parentesco mais a 3sg (*O João quer café?*), que pode substituir não só as formas *você* e *o senhor* mas também *tu*, é bastante comum em Portugal. Esta forma usada com alguém que conhecemos mostra bem um certo respeito, pode ser empregada em todas as situações em que queremos evitar a forma *você* e não causar mal-entendidos: *tu* é muito informal e íntimo, e *o/a senhor(a)* já é oficial. A única condição para usar esta forma é que deveria existir um certo grau de proximidade entre os falantes.

O tratamento verbal na 3sg (sujeito nulo) é também frequente. É o tratamento neutral usado nas situações em que não conhecemos a pessoa com quem falamos (Gyulai 2011: 71). Também nas situações de dúvida opta-se por “formas verbais 3sg (sujeito nulo)” (Guilherme & Lara Bermejo 2015: 70).

<sup>6</sup> Tal como afirma Pinto Pratas (2017: 12), em português contemporâneo eliminam-se as “diferenças de tratamento baseadas numa distinção meramente social”, e por isso a distinção entre *Senhora Rosa*, usado antes para tratar as mulheres de baixa posição social, e *Senhora Dona Rosa*, utilizado para com as mulheres de condição social superior, “já não se coloca”.

## 4. AS FORMAS DE TRATAMENTO NOS MANUAIS DE PORTUGUÊS LÍNGUA ESTRANGEIRA

O corpus analisado é constituído pelos exemplos retirados dos manuais de Português Língua Estrangeira. Submetemos à análise três livros: *Aprender Português (AP)*, *Português XXI (PXXI)* e *Novo Português sem Fronteiras (NPF)*. Os manuais acima mencionados desenvolvem a capacidade de compreensão oral e escrita e concentram-se no desenvolvimento da competência pragmático-comunicativa, que é considerada, por nós, o critério primordial da presente análise.

Nos manuais em causa, as formas de tratamento ocorrem nos cenários de comunicação verosímeis que expõem diversas situações, p.ex. no consultório, na farmácia, na rua etc. Portanto, este tipo de cenários permite, não só situar um aprendente nas ocorrências que surgem no dia-a-dia mas também perceber melhor os comportamentos verbais na comunicação cotidiana. Tendo em conta o que já foi exposto sobre as formas de tratamento, apresentaremos a seguir a maneira como foram introduzidas as mesmas nos manuais em questão, começando pelo tratamento por *tu*.

### 4.1. Tu

Nos manuais submetidos à análise esta forma surge em vários diálogos, mas só no *Aprender Português* podemos ler o comentário que o pronome *tu* é usado “em domínio de comunicação informal (amigos, família, colegas)” (*API* 2006: 121) o que também evidencia o exemplo a seguir:

#### Exemplo 1

Inês: Olá Maria, como *estás*?<sup>7</sup>

Maria: Bem, obrigada. E *tu*?

Inês: Também estou bem, obrigada (*API* 2006: 30).

Cabe lembrar que *tu* ocorre cada vez mais entre pessoas jovens mesmo que não se conheçam bem. Os manuais de PLE nem sempre evidenciam este uso, optando, no caso do primeiro encontro no meio universitário, pela forma *você*, o que pode levar a equívocos (veja-se a secção seguinte).

### 4.2. Você

Tal como já foi explicado, *você* é a mais problemática de todas as formas de tratamento em português e levanta muitas dúvidas por parte dos alunos polacos, porque muitas vezes é tratada por eles como o equivalente das formas *pan/pani* (literalmente, ‘senhor’/‘senhora’). Vale a pena destacar aqui que o sistema polaco é binário – as pessoas escolhem entre *ty* informal e *pan* (feminino *pani*) de distância. Parece que os alunos polacos partem do pressuposto de que, sendo *tu* o equivalente de *ty*, *você* e *o senhor* são formas

---

<sup>7</sup> Nos exemplos de 1 a 7 há destaques nossos.

sinónimicas e ambas se traduzem como *pan/pani*. Este erro na compreensão é fortificado pela introdução, nas primeiras unidades dos manuais analisados, do tratamento por *você* entre os jovens que se acabam de conhecer p.ex. na universidade<sup>8</sup>. O exemplo seguinte ilustra esta observação:

#### Exemplo 2

Pablo: Olá! Como *se chama*?

Ana: Chamo-me Ana. E *você*?

Pablo: Sou o Pablo.

Ana: De onde *é*?

Pablo: Sou de Madrid. Sou espanhol. *Você* também *é* espanhola?

Ana: Não, sou portuguesa. Sou de Lisboa (*PXXII* 2012: 10).

O diálogo citado expõe uma situação que tem lugar na universidade e consiste num encontro de dois estudantes. É muito improvável que neste contexto os jovens portugueses usem a forma *você* entre si, mais certo servirem-se do tratamento por *tu*.

Outra observação tem a ver com a maneira da apresentação desta forma nos manuais submetidos à análise: no *PXXI* só se apresenta a forma *você* no quadro da conjugação dos verbos, no *AP* apenas na unidade 12 há uma informação de que o pronome *você* é usado “em qualquer domínio de comunicação (menos formal)”, no *NPF* *você* é classificado como o pronome de tratamento formal com a indicação “menos formal”. Segundo nos parece, e tendo em conta a complexidade desta forma de tratamento, o que falta nos manuais é a informação certa sobre a polissemia de *você* e os exercícios adequados sobre o seu emprego<sup>9</sup>. Os manuais não dizem explicitamente que a forma *você* pode até resultar insultuosa em algumas situações (de inferior para superior, sobretudo em relações assimétricas entre jovens e pessoas mais velhas<sup>10</sup>). Assim, não se estranha a confusão de *você* com *o senhor/ a senhora* pelos alunos polacos.

### 4.3. O senhor/a senhora (dom/dona)

O nosso corpus dispõe de vários exemplos do uso de *senhor/senhora* extraídos dos manuais. Os tratamentos *o senhor/ a senhora* podem ser usados sem tomar em conta a formação ou hierarquia social das pessoas, não distinguindo, deste modo, o estatuto social dos interlocutores, como se pode verificar no exemplo seguinte:

#### Exemplo 3

– Bom dia, minha senhora. Andamos a fazer um inquérito sobre o uso dos telemóveis. Importa-se de nos responder a algumas perguntas?

<sup>8</sup> Vale a pena acrescentar que na Polónia os estudantes tendem a tratar-se por *ty*, ‘tu’, mesmo que não se conheçam.

<sup>9</sup> Para um contributo ao ensino das formas de tratamento portuguesas para os aprendentes não-nativos, veja-se a proposta interessante de Pinto Pratas (2017).

<sup>10</sup> Veja-se Lešková (2012: 29): “muitos professores sentem-se incomodados e até mesmo ofendidos com este emprego de *você*”. Veja-se também Faria (2020: 81): “the recipient of *você* sees it as evidence that his or her own social ranking is not deemed sufficiently high to warrant the deferential semantics of a nominal form”.

- Não, não me importo.
- (...)
- *A senhora* tem telemóvel?
- Tenho (*PXXII* 2012: 180).

Cabe lembrar que estas formas também se usam com os títulos profissionais ou certos cargos. No material que submetemos à análise observamos que com a forma *senhor* pode ocorrer tanto o nome próprio como o sobrenome o que ilustram os exemplos 4 e 6.

#### Exemplo 4

- Olhe, *Sra. Doutora*, venho aqui porque me sinto muito cansado, doem-me as pernas e, às vezes, dói-me o peito...
- (...) Mas, entretanto, *Sr. Oliveira*, não coma gorduras nem doces (...) (*PXXII* 2012: 94).

É de uso frequente nos manuais também a forma *dona* + *nome*:

#### Exemplo 5

- Boa tarde, *Dona Ana*, como vai?
- Bem, obrigada, *Dona Luísa*. E a senhora? (*API* 2006: 121)

Nos manuais não encontramos exemplos do uso de *dom* mais nome.

#### 4.4. Doutor(a) + nome

Passando à forma *doutor(a)*, no material em descrição encontramos a palavra *doutora* com o nome só nos diálogos que têm lugar na farmácia. Veja-se a este propósito o exemplo abaixo:

#### Exemplo 6

- Tomás: Bom dia, *doutora Augusta*.  
Farmacêutica: Olá, bom dia, *senhor Tomás*. Como está? (*API* 2006: 95)

O título de *doutor* é atribuído aos médicos e aos farmacêuticos, o que foi evidenciado nos exemplos 4 e 6<sup>11</sup>. Também o recebem pessoas que defenderam tese de doutoramento e, o que é curioso, “todos os diplomados por escolas superiores” (Cunha, Cintra 2014: 374). Os manuais analisados falham na explicação deste uso de *doutor* para as pessoas que se graduaram da universidade.

<sup>11</sup> É curioso que na Polónia os farmacêuticos – e só eles – recebem o título do “licenciado”, em polaco *panie magistrze/ pani magister*. Os médicos na Polónia são tratados por “senhor(a) doutor(a)” (*panie doktorze/ pani doktor*).

#### 4.5. Nome + terceira pessoa

Tal como já foi dito, o emprego do nome ou parentesco mais o verbo na 3sg parece comum em Portugal. Contudo, nos manuais analisados não encontramos exemplos deste uso.

#### 4.6. Tratamento verbal

Outra forma empregada com muita frequência em português é um tratamento verbal, na 3sg, que implica a ausência de sujeito expresso. Nos manuais ocorrem vários exemplos do uso de tratamento verbal, mas observamos a falta da descrição explícita desta estratégia:

##### Exemplo 7

Diogo: Olha, Catarina. Os rissóis aqui são ótimos.

Catarina: Nesse caso, *pode* trazer dois, *se faz favor* (NPF 2009: 51).

Esta breve revisão das formas de tratamento permite afirmar que as mesmas deveriam ser introduzidas de forma mais rigorosa e minuciosa para evitar os equívocos da parte dos alunos de PLE. Basta dar o exemplo da forma *você* que em três manuais foi apresentada de maneira muito parecida e ao nosso ver insuficiente. Talvez esclarecer os seus empregos de modo explícito seja um dos métodos para a melhor percepção da mesma (p.ex. nas situações formais omite-se a forma *você* e usa-se apenas a forma verbal). Também, observamos um certo déficit de exercícios que sejam dedicados ao uso de formas de tratamento em contexto situacional. Como no material analisado também não encontramos formas de tratamento da linguagem coloquial, parece-nos pertinente assinalar que a apresentação do tema nos manuais não é adequada, sobretudo tendo em conta a complexidade do sistema de tratamento em português.

## 5. EXPLICAÇÃO DE FT DE ACORDO COM A TEORIA DA NSM

Passamos agora a explicar o significado lexical das formas de tratamento descritas *supra*, baseando-nos em 65 elementos básicos da Metalinguagem Semântica Natural (mais três *moléculas semânticas*<sup>12</sup>: ‘criança’, ‘mulher’ e ‘homem’), para esclarecer dúvidas de caráter pragmático e facilitar a explicação destas formas aos alunos. TU, como primitivo semântico, e segundo Wierzbicka (2017), universal e presente em todas as línguas naturais, não será submetido a explicação (ver também a nota 3). Começamos com *você* solidário<sup>13</sup>, isto é usado entre iguais.

<sup>12</sup> As moléculas semânticas, embora não sejam primitivas, são indispensáveis na explicação de muitos conceitos. Funcionam como noções intermediárias, sendo os pedaços (*chunks*) do conhecimento mais complexos de que os *primes* (Goddard 2018).

<sup>13</sup> A distinção entre as dimensões de *poder* e *solidariedade* vem do trabalho clássico sobre as formas de tratamento de Brown e Gilman (1960).

[A.] *você1* (entre iguais) = *você* solidário<sup>14</sup>

- a. quando te digo isto, não penso de ti como pudesse pensar de uma criança [m],
- b. ao mesmo tempo, não penso de ti assim: “conheço este alguém muito bem”,
- c. penso assim: “este alguém é alguém como eu”.

*Você* usa-se entre as pessoas adultas (alínea a.) que não se conhecem bem, embora possam saber algumas coisas umas das outras (b.). A alínea b. dá conta também do uso já, talvez, pouco antiquado de *você* – para com os pais ou os avós, quando a distância entre os filhos e os seus progenitores era maior, e dentro da família as pessoas se conheciam, mas não se conheciam *muito bem*. *Você1* é a forma de tratamento usada entre pessoas que se consideram iguais (alínea c.).

Como já foi dito em (4.2), em certas ocasiões a forma *você* tem também outro significado, relacionado com o estatuto social dos interlocutores, e naqueles casos pode ser vista como sinal de *superioridade* social do falante por causa da idade, formação ou classe social. Esta característica é visível na alínea c. na explicação de *você2*:

[B.] *você2* (de superior a inferior) = *você* de poder

- a. quando te digo isto, não penso de ti como pudesse pensar de uma criança [m],
- b. ao mesmo tempo, não penso de ti assim: “conheço este alguém muito bem”,
- c. penso assim: “eu sou alguém acima de este alguém”.

Daqui os equívocos que surgem na comunicação entre os estudantes Erasmus polacos e os seus professores em Portugal – os estudantes não sabem deste outro significado que *você* pode ter no português europeu, e, inadvertidamente, insultam os seus mestres, sugerindo que são superiores, ou seja, que se encontram metaforicamente “acima” deles. (E os manuais, como já mencionámos *supra*, não comentam este assunto).

Passamos agora a apresentar as formas de tratamento consideradas corteses no português europeu, isto é, *o senhor* e *a senhora*. Para explicar aos alunos os valores de cortesia que têm essas formas podemos usar a fórmula seguinte:

[C.] *o senhor/ a senhora*

- a. quando te digo isto, não penso de ti como pudesse pensar de uma criança [m],
- b. penso: “sei que este alguém é um homem [m]/ é uma mulher [m]”,
- c. não penso de ti assim: “conheço este alguém bem”,
- d. não penso de ti assim: “este alguém é alguém como eu”,
- e. penso assim: “a gente pode saber coisas boas sobre este alguém”.

Linha a. desta explicação [C.], tal como a linha a. da explicação de *você* [A.], mostra que normalmente não se usa *o senhor* (nem *você*) para dirigir-se a uma criança. A existência da forma feminina junto à masculina e o estatuto igual delas (comparando com o uso assimétrico de *dom/dona* com o nome, ver secção 3) ficam explicitados na linha b. em

<sup>14</sup> Todas as explicações em NSM nesta secção se baseiam nas explicações das formas de tratamento contidas em Wierzbicka (2016a, 2016b, 2017).

[C.]: “sei que este alguém é um homem [m]/ é uma mulher [m]<sup>15</sup>”. Linha c. expressa a distância que existe entre os interlocutores, a distância que é maior que no caso de *você*. Linha d. mostra que não se usa *o senhor* para nos dirigirmos aos nossos amigos e ao mesmo tempo dá conta do possível uso assimétrico desta forma (*o senhor* de inferior para superior e *você2* de superior para inferior). Comparando esta linha com a linha c. na explicação de *você* de poder [B.], vemos que esta desigualdade é vista doutra perspetiva no caso de *você2*, onde se percebe como sinal de superioridade por parte do falante (penso: “eu sou alguém acima de este alguém”). Às formas *o senhor/ a senhora* falta essa conotação negativa. Linha e. em [C.] evidencia o respeito inerente nestas formas de tratamento: reconhecendo o valor do nosso alocutário (“sabendo coisas boas sobre ele”), tratámo-lo com mais estima.

[D.] *Senhor diretor (engenheiro, doutor...)*<sup>16</sup>

- a. quando te digo isto, não penso de ti como pudesse pensar de uma criança [m],
- b. penso: “sei que este alguém é um homem [m]”,
- c. não penso de ti assim: “conheço este alguém muito bem”,
- d. não penso de ti assim: “este alguém é alguém como eu”,
- e. penso assim: “este alguém não é como muitas outras pessoas, este alguém sabe muitas coisas, não como outras pessoas”,
- f. penso assim: “a gente pode saber coisas boas sobre este alguém”.

A diferença mais importante entre *o senhor* e *senhor diretor (doutor, etc.)* está na linha e. em [D.]: “este alguém não é como muitas outras pessoas, este alguém sabe muitas coisas”, mostrando como os valores tais como o conhecimento, a sabedoria são importantes para os portugueses, o que está exposto nesta forma de tratamento baseada no uso do título profissional.

[E.] *Senhor Tomás*<sup>17</sup>

- a. quando te digo isto, não penso de ti como pudesse pensar de uma criança [m],
- b. penso: “sei que este alguém é um homem [m]”,
- c. penso assim: “a gente pode saber coisas boas sobre este alguém”,
- d. penso de ti assim: “sei algumas coisas boas sobre este alguém, por isso sinto uma coisa boa para com este alguém”,
- e. não penso de ti assim: “conheço este alguém muito bem”.

A forma *senhor*, tal como vimos nos exemplos citados *supra* (ex. 6), é usada também com o nome de batismo, quer dizer para com as pessoas que se conhecem bastante bem (mas que não são amigos íntimos). Pensamos que neste uso se evidenciam bons sentimentos para com o destinatário (linha d. em [E.]). Na explicação de “*senhor* mais nome” observamos também a ausência do elemento anti-igualitário (linha d. em [C.]), presente

<sup>15</sup> Tanto ‘mulher’ como ‘homem’, como foi dito *supra*, são moléculas de significado universal, o que está assinalado com [m].

<sup>16</sup> A definição da forma feminina, p. ex. *Sra. Doutora*, será a mesma. A única diferença reside no emprego da molécula ‘mulher’ em vez de ‘homem’ na alínea b.

<sup>17</sup> Aqui, a forma simétrica será *Sra. dona Maria*, ou mesmo *dona Maria* (ver 4.3). A definição será a mesma, só com ‘mulher’ em vez de ‘homem’ na alínea b.

na explicação de *o senhor*. Aachamos que o nome de batismo que aparece junto ao *senhor* evidencia maior igualdade entre os interlocutores. Veja-se também a diferença no componente e. em [E.]: “não penso de ti assim: conheço este alguém  *muito bem*”, frente a “não penso de ti assim: conheço este alguém  *bem*” na explicação [C.].

Passamos agora à forma muito característica para a língua portuguesa, isto é, o nome próprio com artigo seguido do verbo na 3sg. Neste uso, observamos tanto a familiaridade (linha a.) e cordialidade (b.), como uma certa distância (c.) para com o interlocutor:

[F.] *O Pedro*

- a. quando te digo isto, penso: “conheço este alguém”,
- b. penso de ti assim: “sei algumas coisas boas sobre este alguém, por isso sinto uma coisa boa para com este alguém”,
- c. não penso de ti assim: “conheço este alguém muito bem”.

No que diz respeito à última estratégia abordada aqui (4.6), tratamento verbal (sujeito nulo), podemos dizer que é o modo de evitar a expressão dos nossos sentimentos e pensamentos perante a pessoa a quem nos dirigimos. O único componente que se pode atribuir a essa forma de tratamento é, segundo nós, a distância, ou em termos da NSM, “não penso de ti assim: conheço este alguém muito bem”.

## 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Como apontam vários linguistas, o uso das formas de tratamento no português europeu encontra-se numa “profunda mudança” (Gouveia 2008: 94, veja-se também Bacelar do Nascimento *et al.* 2018: 261). A esse respeito, Ferreira Allen (2019: v) observa: “O sistema de formas de tratamento do português europeu contemporâneo encontra-se numa fase de instabilidade que se manifesta através de oscilações e indecisões quanto à escolha das formas de tratamento adequadas ao locutário e ao contexto comunicativo”. Esta instabilidade manifesta-se também nos manuais de PLE, analisados neste estudo, cujos autores evitam a descrição mais concreta das formas de tratamento<sup>18</sup>. Falta também a explicação de outras formas de tratamento, como nomes próprios em diminutivo (*Teresinha, Raquelinha*), que expressam os sentimentos bons e positivos e apontam para a importância que tem a cordialidade na sociedade portuguesa. Após a análise efetuada, podemos confirmar que as formas de tratamento nos manuais usados na Polónia não são introduzidas de forma adequada, e não evidenciam bem as normas culturais da sociedade portuguesa, o que se pode ver claramente nas partes do presente estudo dedicadas à forma *você*. Assim sendo, concordamos com Duarte (2010: 145) que as formas de tratamento deveriam ser “objecto de aprendizagem na escola”, tanto no ensino do português língua materna como não-materna.

---

<sup>18</sup> A ineficácia dos manuais de PLE quanto a introdução e explicação das formas de tratamento é observada por vários autores. Veja-se Gyulai (2011: 7), Guilherme & Lara Bermejo (2015: 170), Pinto Pratas (2017: 32), Drzazgowska (2019: 388).

Como foi demonstrado, o português europeu contrasta com outras línguas europeias pelo seu sistema triádico de tratamento que distingue *tu* para a intimidade, *você* como forma de transição que não implica a intimidade e nem sempre é considerado cortês, e as formas nominais como *a senhora* ou *senhor doutor* para a cortesia. Isto deve ser explicado aos jovens aprendentes de Português Língua Estrangeira de uma maneira clara e explícita. Achamos que as explicações em termos da NSM ajudam-nos a aclarar as subtilidades do sistema de tratamento português. O componente “eu sou alguém acima de ti” presente na explicação de *você de poder* [B.] explica bem porque algumas pessoas podem sentir-se ofendidas por esta forma. Como observam Guilherme & Lara Bermejo (2015: 178–179), “[s]erá também relevante aprofundar o conceito de neutralidade associado a este pronome, levantado por Faria (2009), e confrontá-lo com outras noções semântico-pragmáticas, relacionadas com a utilização de *você*, como, por exemplo, a noção de polissemia”. E é exatamente o que fazemos no presente estudo: propomos o valor polissémico de *você*, distinguindo claramente o seu uso de superior para inferior, que pode resultar insultuoso nas situações de igualdade, e o seu uso neutral, entre iguais e distantes (cada vez mais substituído pelo verbo na 3sg e o sujeito nulo).

Esperamos que o presente artigo responda, de uma maneira muito preliminar, claro, à demanda de Gouveia (2008: 98) que “urge fazer uma nova descrição e sistematização das formas de tratamento usadas em português europeu”. Os valores expressos em termos NSM, tais como “conheço-te muito bem” (a), “sinto uma coisa boa por ti” (b), e “a gente pode saber algumas coisas boas de ti” (c), entendem-se melhor e são mais fáceis de explicar aos estudantes polacos, do que as noções tão ambíguas como *intimidade* (a), *cordialidade* (b) ou *respeito* (c). Confiamos também que o nosso estudo constitui um contributo para a pragmática intercultural, sendo a NSM um método sem preconceito etnocêntrico que pode servir de um verdadeiro *tertium comparationis* para as futuras comparações dos sistemas de tratamento em línguas diferentes.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ARAÚJO CARREIRA Maria Helena, 2003, *Les formes allocutives du portugais européen: évolution, valeurs et fonctionnements discursifs*, Conferência plenária no Colóquio *Pronombres de segunda persona y formas de tratamiento en las lenguas de Europa*, Instituto Cervantes de Paris, [http://cvc.cervantes.es/lengua/coloquio\\_paris/ponencias/pdf/cvc\\_araujo.pdf](http://cvc.cervantes.es/lengua/coloquio_paris/ponencias/pdf/cvc_araujo.pdf) (consultado: 28.11.2021).
- BACELAR DO NASCIMENTO Maria Fernanda, MENDES Amália, DUARTE LAMMOGLIA Maria Eugênia, 2018, Sobre formas de tratamento no português europeu e brasileiro, *Diadorim* 20: 245–262.
- BROWN Roger, GILMAN Albert, 1960, *The Pronouns of Power and Solidarity*, (em:) *Style in Language*, Thomas A. Sebeok (ed.), Cambridge: MIT Press, 253–276.
- CINTRA Luís Filipe Lindley, [1972] 1986, *Sobre “Formas de Tratamento” na Língua Portuguesa*, Lisboa: Livros Horizonte.
- CUNHA Celso, CINTRA Luís Filipe Lindley, [1984] 2014, *Nova Gramática do Português Contemporâneo*, Lisboa: Edições João Sá da Costa (21a edição).
- DRZAZGOWSKA Joanna, 2019, Formas de tratamento nominais na língua portuguesa. Algumas observações de carácter contrastivo português europeu – polaco, *Studia Iberyystyczne* 18: 385–398.
- DUARTE Isabel Margarida, 2010, *Formas de tratamento: item gramatical no ensino de Português Língua Materna*, (em:) *Gramática: História, Teoria, Aplicações*, Ana Maria Brito (ed.), Porto: Fundação da Universidade do Porto, 133–147.

- FARIA Rita, 2020, Vocês vão sair a bem ou a mal: an examination of (im)polite forms of address online in European Portuguese, *Cadernos de Linguagem e Sociedade*: 71–97.
- FERREIRA ALLEN Ana Sofia, 2019, *O sistema de formas de tratamento em português europeu. Contributos para a compreensão da sua reestruturação a partir de textos escritos do século XX*, Tese de Mestrado, Universidade de Lisboa.
- GODDARD Cliff, 2018, *Ten Lectures on Natural Semantic Metalanguage. Exploring Language, Thought and Culture Using Simple, Translatable Words*, Leiden: Brill.
- GODDARD Cliff, WIERZBICKA Anna, 2014, *Words and Meanings. Lexical Semantics Across Domains, Languages, and Cultures*, Oxford: Oxford University Press.
- GOUVEIA Carlos A.M., 2008, *As dimensões da mudança no uso das formas de tratamento em português europeu*, (em:) *O Fascínio da Linguagem*, Inês Margarida Duarte, Fátima Oliveira (eds.), Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 91–100.
- GUILHERME Ana Rita Bruno, LARA BERMEJO Víctor, 2015, Quão cortês é você? O pronome de tratamento *you* em Português Europeu, *Labor Histórico* 1(2): 167–180.
- GYULAI Éva Viktória, 2011, *Abordagem das Formas de Tratamento nas Aulas de Português Língua Segunda/ Língua Estrangeira*, Tese de Mestrado, Universidade do Porto.
- LEITE Isabel, MATA COIMBRA Olga, 2009, *Novo Português sem fronteiras 1*, Lisboa: Lidel.
- LEITE Isabel, MATA COIMBRA Olga, 2017, *Novo Português sem fronteiras 2*, Lisboa: Lidel.
- LEŠKOVÁ Jana, 2012, *As formas de tratamento em Português Europeu*, Olomouc: Tese de Mestrado.
- MIRA MATEUS Maria Helena et al., 2004, *Gramática da língua portuguesa*, Lisboa: Caminho.
- OLIVEIRA Carla, 2006, *Aprender Português 1*, Lisboa: Texto Editores Lda.
- OLIVEIRA Carla, 2007, *Aprender Português 2*, Lisboa: Texto Editores Lda.
- PINTO PRATAS Sara Alexandra, 2017, *As formas de tratamento e o ensino de português como língua não materna*, Tese de Mestrado, Universidade de Coimbra.
- RIBEIRO Helga et al., 2010, *Gramática moderna da língua portuguesa*, Lisboa: Escolar Editora.
- TAVARES Ana, 2012, *Português XXI 1*, Lisboa: Lidel.
- TAVARES Ana, 2016, *Português XXI 2*, Lisboa: Lidel.
- TAVARES Ana, 2019, *Português XXI 3*, Lisboa: Lidel.
- VILELA Mário, 1995, *Gramática da Língua Portuguesa*, Coimbra: Almedina.
- WIERZBICKA Anna, 1996, *Semantics: Primes and Universals*, Oxford: Oxford University Press.
- WIERZBICKA Anna, 2009, Reciprocity. An NSM Approach to Linguistic Typology and Social Universals, *Studies in Language* 33: 103–174.
- WIERZBICKA Anna, 2013, *Imprisoned in English. The Hazards of English as a Default Language*, Oxford: Oxford University Press.
- WIERZBICKA Anna, 2016a, Making Sense of Terms of Address in European Languages through the Natural Semantic Metalanguage, *Intercultural Pragmatics* 4: 499–527.
- WIERZBICKA Anna, 2016b, Terms of Address as Keys to Culture and Society: German *Herr* vs. Polish *Pan*, *Acta Philologica* 49: 29–44.
- WIERZBICKA Anna, 2017, *Terms of Address in European Languages: A Study in Cross-Linguistic Semantics and Pragmatics*, (em:) *Pragmemes and Theories of Language Use*, Allan Keith, Alessandro Capone, Istvan Kecskes (eds.), Berlin: Springer, 209–238.